

Apolo de Carvalho¹

afroapolo@gmail.com

Representações de África e das pessoas negras em tempos de pandemia: A biblioteca colonial do vírus em contestação

Ripresentason di Afrika i di Negru, na tenpu di pandemia: Biblioteka kolonial di vírus baxu raboita

Representaciones de África y de las personas negras en tiempos de pandemia: La biblioteca colonial del virus en disputa

Representations of Africa and black people in pandemic times: The colonial library of the virus in dispute

Resumo: Neste texto procuro, por um lado, refletir sobre a forma com “a ideia de África” e das pessoas negras espalhadas pelas suas Diásporas tem sido moldada e reatualizada durante a pandemia de Covid-19 por vários discursos, reativando a “Biblioteca Colonial”; por outro lado, dialogo com outros discursos e as práticas políticas insurgentes de luta, que nascem e se reconfiguram entre movimentos sociais negros e africanos no contexto desta pandemia. Argumento, assim que: 1) as narrativas afropessimistas sobre a África em relação a pandemia são tão problemáticas quanto as narrativas afrooptimistas que celebram um excepcionalíssimo africano na luta contra a pandemia; 2) que a pandemia é uma reveladora da colonialidade; e 3) que as práticas insurgentes dos movimentos sociais negros e africanos, que são ativadas face a esta pandemia, inscrevem-se numa longa história de revoltas pan-africanas que visam criar alternativas emancipatórias radicais contra as opressões internas e externas. Articulo a discussão dentro de um quadro de pensamento pan-africano, que, enquanto uma epistemologia africano-diaspórica, problematiza a “Biblioteca colonial” e propõe novas bibliotecas de emancipação social que se constroem a partir das lutas negras e africanas. Converso com as experiências e o pensamento de luta da Abahlali base Mojondolo, na África do Sul, assim como do coletivo Consciência Negra em Portugal.

Palavras-chaves: África, Movimentos Negros, Biblioteca Colonial, Pandemia, Pan-africanismo.

Risumu: Nês testu li, N-ta buska pa un ladu, matuta sobri manera modi ki “ideia di Afrika” i di negru spadjadu pa si Diaspura sa ta modaldu i riactualisadu manenti, duranti

¹ Apolo de Carvalho é estudante do Doutoramento em Pós-Colonialismos e Cidadania Global, na Universidade de Coimbra, com um projeto de investigação centrada nos panafricanismos contemporâneos, financiado pela Fundação para a Ciência e Tecnologia.

es pandemia di Kovid-19, atraves di munti diskursu ki ta riativa “Biblioteca Kulonial”; Pa kel otu ladu, N-ta konbersa ku diskursu sentradu na pratika pulitiku, rabeladu, di luta, ki ta nasi i ta rikonfigura dentu di kes movimentu sosial negru i afrikanu na kontestu di es pandemia li. N-ta argumenta ma, 1) non so kes narativa afropesimista sobri disinpenhu di Afrika en rilason a pandemia, ma tanbi kes munti di kes narativa afrootimista ki ta silebra un sigularidadí afrikanu nes luta li, es moku, podi ser problematiku. 2) Ma ês pandemia li a-ta mostra-nu un txada di kontinudiadi kolonial i 3) ma kes pratika, insurjenti, rabeladu di movimentu sosial negru i afrikanu, ki sa ativadu danti dês pandemia li, ês fasi parti di un longu stória di raboita panafricanista, ki ta buska kria alternativa imansipatóriu, i radikal kontra tudu opreson, di ordi internu o sternu. Kel rifleson li, sta finkadu dentu di un kuadru di pensamentu panafricanu ki, inkuantu un gredja ipitimulojiku afrikanu-diaspóriu, ta problematiza “Biblioteca Kulonial” i ta prupoi un nobu biblioteca, di imansipason sosial, kostruidu a partir di txeu luta negru i afrikanu na mundu. N-ta prupoi, un konbersu di aprendizaji ku spirensia i pensametu di luta di dos organizason: Abahlali base Mojondolo, na África du Sul i Consciência Negra la di Portugal.

Palavra-txabi: Afrika, movimentu negru, Biblioteca Kulonial, Pandemia, Panafricanismu.

Resumen: En este texto busco por un lado reflexionar sobre la forma con "la idea de África" y de las personas negras esparcidas por sus Diásporas ha sido moldeada y reactivada durante la pandemia de COVID-19 por varios discursos, reactivando la "Biblioteca Colonial"; por otro lado, diálogo con otros discursos y las prácticas políticas insurgentes de lucha, que nacen y se reconfiguran entre movimientos sociales negros y africanos en el contexto de esta pandemia. Argumento, así que: 1) las narrativas afropesimistas sobre África en relación con la pandemia son tan problemáticas como las narrativas afrootimistas que celebran un excepcional africano en la lucha contra la pandemia; 2) que la pandemia es una reveladora de la colonialidad; y 3) que las prácticas insurgentes de los movimientos sociales negros y africanos que se activan ante esta pandemia, se inscriben en una larga historia de revueltas panafricanas que buscan crear alternativas emancipatorias radicales frente a las opresiones internas y externas a las que son sometidos. Articulo la discusión en un marco de pensamiento panafricano, que, como una epistemología africana-diaspórica, problematiza la "Biblioteca colonial" y propone nuevas bibliotecas de emancipación social que se construyen a partir de las luchas negras

y africanas. Intento hablar con las experiencias y pensamientos de luchas de Abahlali Mojondolo, en Sudáfrica, así como del colectivo Consciência Negra en Portugal.

Palabras clave: África, Movimientos Negros, Biblioteca Colonial, Pandemia, Panafricanismo.

Abstract: In this text I try, on the one hand, to reflect on how "the idea of Africa" and the black people spread by their Diasporas has been shaped and reactivated during the COVID-19 pandemic by various speeches, reactivating the "Colonial Library"; on the other hand, dialogue with other discourses and the insurgent political practices of struggle, which are born and reconfigured between black and African social movements in the context of this pandemic. I argue, therefore: 1) Afropessimistic narratives about Africa in relation to the pandemic are as problematic as the Afrooptimist narratives that celebrate a very exceptional African in the fight against the pandemic; 2) that the pandemic is a sign of coloniality; and 3) that the insurgent practices of black and African social movements that are activated in the face of this pandemic, are part of a long history of Panafrikan revolts that aim to create radical emancipatory alternatives against the internal and external oppressions to which they are subjected. I articulate the discussion within a framework of Pan-African thought, which, as an african-diasporic epistemology, problematizes the "Colonial Library" and proposes new libraries for social emancipation that are built from black and African struggles. I try to talk with the experiences and thoughts of struggles of Abahlali base Mojondolo, in South Africa, and the organization Consciência Negra in Portugal.

Keywords: Africa, Black Movements, Colonial Library, Pandemic, Pan-africanism.

Introdução

Eu tenho muito ranço desse tipo de pensamento cristão, da pedagogia da dor e sofrimento... Nenhuma morte provocada por racismo, machismo, transfobia é uma morte "necessária" p'ra nada. As pessoas não aprendem pelo sofrimento, aprendem apesar dele. Crueldade é um atributo moral, humano, vírus não tem disso. [...] A mentalidade de que há um propósito humano para o planeta é antropocêntrica, branca. Nós não somos o gênesis nem o apocalipse do universo, não tem um roteirista 24h dando sentido oculto ou não a tudo que acontece.

A vida não precisa de explicação (Núñez, 2020)²

O atual contexto político e social internacional tem sido tensionado por diversos questionamentos, incertezas e desconfortos ironicamente ativados por causa de uma forma de existência microscópica, um organismo extremamente simples, porém, altamente contagioso cujo surgimento obrigou milhões de pessoas ao confinamento domiciliar. Refiro-me ao SARS-CoV-2, um vírus que ataca as vias respiratórias, impedindo a normal circulação do oxigénio, podendo levar à asfixia e à cessação completa do sopro, da vida. Esta síndrome respiratória, após devastar a cidade de Wuhan, na China, onde foram registados os primeiros casos epidémicos, em dezembro de 2019, propagou-se de forma galopante por todo o mundo, levando a Organização Mundial da Saúde (OMS) a declarar, a 11 de março de 2020, a situação de pandemia.

Este novo coronavírus, o SARS-CoV-2, cessou de ser uma questão médico-sanitária, e tornou-se num mostrador, uma lente binocular, que hipervisibiliza um conjunto de contradições presentes no modelo social e económico vigente expondo as fragilidades das instituições financeiras e políticas, nacionais e internacionais (Santos, 2020). De facto, em menos de 4 meses, o SARS-CoV-2 atravessou fronteiras e abalou as estruturas de Estados e instituições que, até então, considerávamos estarem completamente balizados em termos sanitários. Nem a Organização Mundial da Saúde (OMS), que tem sido o rosto da sociedade internacional na luta contra esta pandemia, nem a Organização das Nações Unidas (ONU), o G7,³ o G20,⁴ ou a Comissão Europeia,

² Núñez, Geni (genipapos) "Espiritismo e conformismo político: o sentido da vida (anti) cristão". *Instagram*, post, de 5 de julho de 2020, disponível em <https://www.instagram.com/p/CCRgIJSn8dF/>. Geni é Guarani, ativista no movimento indígena, anticolonial. Mestre em Psicologia Social, doutoranda em estudos raciais e de gênero. Não monogâmica.

³ Grupo dos países mais industrializados que dominam as praças financeiras do mundo do mundo; Alemanha, Canadá, Estados Unidos, França, Itália, Japão e Reino Unido.

⁴ Grupo composto pelas 20 maiores economias do mundo.

apresentaram soluções conjuntas para esta “guerra” declarada dos Humanos *contra* o Vírus.

Por outro lado, reconhecer o SARS-CoV-2 como uma ameaça ‘comum’ não gerou a solidariedade que se poderia pressupor. Nem dentro duma aliança de Estados, como a União Europeia (onde, aliás, a solidariedade pareceu ter igualmente entrado em confinamento), considerada um caso de sucesso entre as organizações regionais, e muito menos entre o que chamamos, abusivamente, de “comunidade internacional”. Entretanto, o epicentro do contágio deslocou-se da China para a Europa e de seguida para a América, especialmente para os Estado Unidos da América (EUA) que contabilizam, à data em que escrevo, o maior de número de casos de pessoas infetadas e de óbitos.

Neste contexto, extremamente conturbado, a saúde parece ter entrado à escala global, para o topo da agenda política e securitária dos Estados, que passam cada vez mais a olhar os corpos portadores do vírus como potenciais ameaças. De certa forma, parece que o coronavírus, pela sua lógica de propagação, mostra que os Estados não detêm o monopólio da violência e do poder de matar. Segundo Achille Mbembe (2020), numa entrevista ao jornal *Folha no Brasil*⁵, a pandemia terá “democratizado o poder de matar”. Mbembe fazia referência aos corpos dos indivíduos, como potenciais armas biológicas, sugerindo que agora possuímos todo esse poder de matar, ainda que de forma residual e desproporcional. Se é verdade que, de facto, cada ser humano, podendo ser portador de uma doença contagiosa, seria uma possível arma, é difícil perceber como é que isto configura um poder democratizado. O facto é que, como afirma Boaventura de Sousa Santos (2020), uma das consequências desta pandemia é um forte “retorno do Estado”, o que, de certa forma, reconfigura e robustece o seu poder necropolítico (Mbembe, 2020).

Outrossim, se considerarmos a vida como linhas emaranhadas umas nas outras, há fios mais frágeis que se rompem ou se descartam facilmente. A necropolítica recorda-nos constantemente que nem todas as vidas têm o mesmo valor. Enquanto momento de revelação, esta pandemia tem mostrado a essas vidas fragilizadas, sobretudo das pessoas negras racializadas,⁶ que elas não podem contar com o Estado para se proteger em tempos

⁵ Em entrevista ao jornal *Folha*, de 30 de março 2020. Consultado a 10.07.2020, em <https://www1.folha.uol.com.br/mundo/2020/03/pandemia-democratizou-poder-de-matar-diz-autor-da-teoria-da-necropolitica.shtml>.

⁶ Ênfase aqui pessoas “negras racializadas” porque o processo de racialização é bidirecional. Ao racializar o “Outro” considerando-o inferior, o branco também se racializa automaticamente como raça superior embora não se veja como um racializado. Não se nomear como raça (aquele cujo nome não deve ser pronunciado) é um privilégio que importa evidenciar. Esta questão é importante para percebermos as outras dimensões do racismo, concretamente a partir da branquitude.

de urgência. Para essas pessoas, a pandemia tornou a luta antirracista ainda mais urgente. Comecei por mencionar tensões, questionamentos e desconfortos e, neste preciso momento em que escrevo, o cenário internacional regista, várias tensões com milhares de pessoas nas ruas (EUA, França, Inglaterra, Portugal). Na origem dessas mobilizações, com motes como *Black Lives Matter* e *No justice, no peace* que repercutiram massivamente, estão vários crimes de ódio racial contra pessoas negras, no mundo em geral e nos EUA, em particular, onde o assassinato do afroamericano George Floyd pela polícia (filmado em direto) causou uma indignação generalizada.

Este cenário de saída massiva às ruas contrasta com aquele de há alguns meses, onde a “recomendação” para a proteção às vidas era, precisamente, o da imobilidade, da inação, do confinamento total e individual. Se faço menção à questão racial e às tensões por ela geradas hoje, é porque o assunto está intimamente ligado com esta pandemia, à sua relação com a África e as pessoas negras, temas que pretendo discutir neste texto. Não é por mero acaso que as questões raciais e, de forma mais ampla, os discursos sobre a descolonização ressurgem com maior intensidade nesse curto momento de transição entre confinamento e desconfinamento em que nos encontramos. Mbembe (2020) diz que esta “pandemia é uma calamidade que nos traz uma série de questões incômodas”. Questões estas que estão patentes, sobretudo, numa vontade de falar e de testemunhar, como resistência às tentativas cada vez mais violentas de asfixiar, silenciar e confinar. Na mesma linha, Grada Kilomba (2020)⁷ diz que, com a pandemia, a “história colonial tornou-se extremamente mais visível”.

A pandemia revelou a forma como esta história da colonização se reencena constantemente no nosso quotidiano. Esta reencenação do colonialismo está presente, tanto nas narrativas fatalistas e miserabilistas, que desde o início pautaram as análises a partir do Norte global sobre os impactos da pandemia no continente africano, como nos impactos sociais preocupantes da pandemia nas comunidades negras e africanas. Há uma relação estreita entre estas narrativas, sobre a África em geral, e os impactos extremamente danosos da pandemia nessas comunidades negras. Esta relação evidencia, não só as continuidades coloniais, mas também a reconfiguração dessas próprias formas coloniais de ver o Outro como um problema.

A Biblioteca Colonial (Mudimbe, 1988) torna-se, assim, um lugar onde o vírus ocupa um espaço de revelação. Esta biblioteca Mudimbe define-a como um conjunto

⁷ Conversa online organizada pela BoCA - Biennial of Contemporary Arts em junho de 2020. <https://www.youtube.com/watch?v=fZp6FcsYfOU&t=918s>

textual, de discursos coloniais⁸ produzidos no Ocidente, sobre a África e os africanos e que serviu de base para a produção de conhecimentos teóricos, mas também práticos sobre o continente (Mudimbe, 1988: 181). Na Biblioteca Colonial, a África e as pessoas negras são vistas como um só corpo, um bloco monolítico, e os mesmos mecanismos que confinam uns, determinam os rumos dos outros, em várias camadas sobrepostas que importa desmontar constantemente. É este o desafio que assumo neste exercício de reflexão.

Entre discursos, vaticínios e impactos: a colonialidade de uma pandemia

No continente africano, a “guerra” contra o SARS-CoV-2 foi desencadeada com uma série de medidas governamentais como o fecho das fronteiras e o confinamento obrigatório em vários países.⁹ Junto com a Oceania, o continente regista à data, o menor número de casos comparado as outras regiões do mundo.¹⁰ Com um longo histórico de epidemias mortais, os países africanos têm à disposição um arsenal próprio, forjado nas lutas contra as doenças, como o Ébola, para fazer face a esta nova pandemia (Richards, 2020). Os saberes acumulados pelas comunidades locais, podem ser ativados, tanto para benefício do continente, como do resto do mundo. Esta opinião tem sido partilhada tanto por médicos africanos como investigadores do continente para quem, “the main lesson for both Africa and other parts of the world from Ebola for Covid-19, is that shared learning between communities and medical professionals is a key aspect of human adaptive response to emergent diseases” (Richards, 2020).

Contudo, parece que para uma parte do mundo, o Norte Global, particularmente, as experiências de África não contam e deste “lugar-problema”, só se pode esperar o falhanço total e nunca soluções a partilhar. Desde o anúncio da pandemia, várias foram as vozes de “especialistas”¹¹ que se pronunciaram sobre África, vaticinando uma catástrofe iminente que estaria prestes a devorar os seus 55 países. O cenário catastrófico

⁸ Mormente dos antropólogos, etnólogos, linguistas, historiadores, geógrafos teólogos, relatos de viagens etc.

⁹ Essas medidas foram adaptadas de forma gradual e diferenciada segundo a realidade de cada país. Não houve um modelo único. O jornal *Jeune Afrique* disponibiliza um mapa interativo onde se pode aceder a esses dados por país. em: <https://www.jeuneafrique.com/910230/societe/coronavirus-en-afrique-une-carte-pour-suivre-au-jour-le-jour-lavancee-de-lepidemie/>.

¹⁰ *A European Centre for Disease Prevention and Control*, disponibiliza no seu site dados atualizados por continente. Disponível em <https://www.ecdc.europa.eu/en/geographical-distribution-2019-ncov-cases>.

¹¹ Refiro-me, de forma generalizante, às instituições internacionais, médias, centros de estudo, gabinetes diplomáticos, intelectuais, académicos, etc. aos quais se reconhece alguma autoridade para falar sobre África. Utilizo aqui o termo “especialistas” de forma crítica, associando-o à noção de Biblioteca Colonial.

foi desenhado por vários jornais que, quais arautos da desgraça, não pouparam caracteres para evidenciar as vulnerabilidades do continente. Vulnerabilidades estas que o transformariam num potencial incubador e transmissor de doenças. *Catástrofe, desastre, crise, bomba relógio*,¹² são alguns dos termos que surgiram nos títulos de muitos artigos, sugerindo que face a esta pandemia “l’Afrique (noire) est mal partie”.¹³ Esses olhares, fixos e fixantes, sobre um continente, todo ele considerado um corpo uniforme (como se de um país se tratasse), incapaz de lidar com os seus problemas sem a ajuda externa, afirmam e confirmam, não só a colonialidade da relação vertical que se estabelece com ele mas também, do próprio imaginário “fantasmado” que sobre ele se cria. E, assim, África vai sendo colocada entre a espada e “guilhotina”, por discursos que afetam a sua relação com o mundo e consigo mesma. Se os países africanos fracassam, é porque são falhos e precisam de ser salvos e resgatados; se têm algum sucesso, ou é fruto do acaso ou então, o mais provável, é porque o Norte Global lhes ensinou alguma coisa e souberam aplicar. Cria-se então, à volta do continente, uma série de impossibilidades e estereótipos degradantes que configuram a forma como se tem produzindo conhecimento sobre ele, mas sempre sem ele.

Em *Crítica da Razão Negra*, Mbembe (2017) refere que, para “[a] consciência moderna, África é o nome que geralmente outorgamos às sociedades consideradas impotentes” (Mbembe, 2017: 93). O mundo destas sociedades sujeita-se e é arruinado por fenómenos como, as guerras tribais, as dívidas, a feitiçaria e as doenças. Enfim, ao falhanço total. Considerado como o avesso negativo do mundo ocidental, África simbolizaria então, para essa consciência moderna, “o gesto errado, a corrupção... um mundo a parte ... pleno de dureza, violência e devastação”. A leitura crítica que Mbembe faz sobre a forma como a África é vista, dialoga bastante com as noções de Estado fraco, falhado e colapsado, estas categorias parciais e parcelares que classificam e confinam em seções piramidais, os “maus alunos” nas relações internacionais.

É interessante a leitura que Jonathan Hill (2005) e Odair Varela (2011) fazem destes conceitos a partir de uma análise pós-colonial. Ambos autores apresentam uma

¹² Por exemplo, em abril de 2020, *Le Figaro* intitula “Scénario catastrophe pour l’Afrique désormais touchée par le coronavirus” <https://www.lefigaro.fr/international/scenario-catastrophe-pour-l-afrique-desormais-touchee-par-le-coronavirus-20200401>; Em março de 2020 o *theafricanreport* intitulava “Africa faces a coronavirus catastrophe” <https://www.theafricanreport.com/24952/africa-faces-a-coronavirus-catastrophe/>.

¹³ “A África Negra começou mal”. Faço referência a obra *L’Afrique noire est mal partie* (1962) de René Dumont, que suscitou vários debates sobre afropessimismo (esse olhar determinista sobre o futuro do continente).

leitura crítica sobre os problemas com os quais os Estados do continente lidam desde as independências. Para esses autores, tanto a forma como o Estado chega a África quanto as lógicas neocoloniais, que incluem o que Frantz Fanon chamaria de “os germes do colonialismo” (1961: 239), influenciariam a performance destes Estados nas lides domésticas e externas. Dobrados sobre si mesmos, dependentes de ajudas externas e perdões de dívidas esses Estados, para a lógica colonial, seriam eternos aprendizes, que nada teriam a ensinar ou a partilhar com o mundo. O seu desafio face ao Norte Global, seria de ordem “civilizacional” como sugere Emmanuel Macron, atual Presidente da França, numa resposta extremamente ‘malthusiana’ a um jornalista da Costa do Marfim, em conferência de imprensa:

Le défi de l'Afrique, il est totalement différent. Il est beaucoup plus profond, il est civilisationnel aujourd'hui. Quels sont les problèmes en Afrique ? Les Etats faillis, les transitions démocratiques complexes, la transition démographique qui est, je l'ai rappelé ce matin, l'un des défis essentiels de l'Afrique. Quand des pays ont encore aujourd'hui 7 à 8 enfants par femme, vous pouvez décider d'y dépenser des milliards d'euros, vous ne stabiliserez rien (Macron, 2019).¹⁴

De forma bem geral, encontramos nos grandes títulos dos jornais e *websites* noticiosos dispersos, essas impressões afropessimistas, fortemente coloniais, sobre o continente. Estas impressões estruturam, também, discursos institucionais ao mais alto nível diplomático. Josep Borrell, Alto-Representante para a Política Externa da UE, declarava, numa entrevista, que a África era um motivo de particular preocupação para a Europa.¹⁵ Para este líder da diplomacia europeia, é do interesse da UE ajudar a África, porque, caso contrário, o vírus poderia regressar à Europa e por conseguinte, infetar os europeus.

Não deixa de ser interessante esta preocupação quando se sabe que, os casos de contágio que se espalharam por África foram, em grande medida, importados de países europeus (Meneses, 2020). O que terá, aliás, levado o jornal senegalês *L'Évidence* a publicar, em março passado, um artigo intitulado: *La France coronise le Sénégal. Traite négrière, colonisation économique, colonisation épidémiologique* (Hervieu, 2020). Por

¹⁴ “O desafio de África é totalmente diferente. É muito mais profundo, é hoje, civilizacional. Quais são os problemas em África? Os Estados falhados, as transições democráticas complexas, a transição demográfica que é, lembrei-o esta manhã, um dos desafios essenciais de África. Em países que têm hoje, 7 a 8 filhos por mulher, pode decidir gastar lá milhares de euros, que não estabilizará nada”. Declaração proferida em conferência de imprensa, a margem da coreferência do G20 de 8 de julho em Hamburgo. Disponível em <https://www.france24.com/fr/20170711-macron-croissance-afrique-probleme-no-mbre-enfants-africaines-developpement>.

¹⁵ “União Europeia tem de ajudar África, até no seu próprio interesse.” *Observador online* de 3 de abril de 2020, disponível em <https://observador.pt/2020/04/03/uniao-europeia-tem-de-ajudar-africa-ate-no-s-eu-proprio-interesse/>.

outro lado, a fundamentação deste “imperativo” de ajudar o “desgraçado” continente, é em si problemática na medida em que revela a forte securitização das políticas da UE no que respeita às suas relações com África. Importa ainda destacar, porque certo e assaz importante, o que aponta Maria de Paula Meneses numa das suas primeiras leituras sobre esta pandemia:

A penetração do COVID-19 em Moçambique, como noutros contextos africanos, é facilitada pelo contexto altamente desigual herdado da relação colonial-capitalista. A destruição de habitats ambientais, a agricultura empresarial a larga escala, a urbanização rápida e o enfraquecimento das redes de informais de segurança social criam condições para surtos virais de impacto dramático (Meneses, 2020).

A própria OMS, em várias declarações tem avisado os países africanos a “prepararem-se para o pior” uma vez que podem vir a ser o “novo epicentro da pandemia”.¹⁶ Espera-se por uma vaga de destruição anunciada, que teima em não chegar e esse atraso, parece causar muita preocupação e mesmo inquietação. O que explicaria esta anomalia? Pergunta-se, à medida que se vai tecendo todo o tipo de argumentos ligados ao clima, à juventude, à cor da pele etc., onde as linhas de continuidade colonial não cessam de se recompor. Esta ideia pejorativa e determinista de Estado falhado configura-se também na própria forma como se produzem informações institucionais sobre os países africanos.

Da colonização à ‘coronização’

No início de abril passado, em França, o Centro de Análise, Previsão e Estratégia do Ministério da Europa e das Relações Exteriores (CAPS) produziu uma polémica nota de conjuntura intitulada: *L'effet pangolin: la tempête qui vient en Afrique?* O documento previa que :

[L]a crise du Covid-19 peut être le révélateur des limites de capacité des États, incapables de protéger leur population. En Afrique notamment, ce pourrait être “la crise de trop” qui déstabilise durablement, voire qui mette à bas des régimes fragiles (Sahel) ou en bout de course (Afrique centrale) (CAPS, 2020).¹⁷

¹⁶ "Coronavirus: Africa could be next epicentre, WHO warns," *BBC online*, de 17 de abril de 2020, disponível em <https://www.bbc.com/news/world-africa-52323375>.

¹⁷ “A crise da Covid-19 pode ser reveladora dos limites da capacidade dos Estados, incapazes de proteger as suas populações. Nomeadamente, em África, poderia ser “a última crise” que destabiliza de forma durável, que põe fim a regimes frágeis (Sahel) ou perto do fim (África central) (CAPS, 2020)

Face a tal cenário de incapacidade dos Estados africanos, em proteger os cidadãos e a fim de impedir o surgimento de ambições político-oportunistas, o CAPS recomendava que:

[A]nticiper le discrédit des autorités politiques signifie accompagner en urgence l'émergence d'autres formes d'autorités africaines crédibles pour s'adresser aux peuples afin d'affronter les responsabilités de la crise politique qui va naître du choc provoqué par le Covid-19 en Afrique... et sans doute ailleurs (CAPS, 2020).¹⁸

Este artigo levou a uma série de reações nas redes diplomáticas, com o ministro congolês das relações externas, Jean-Claude Gakosso, a enviar uma carta de protesto ao embaixador da França em Brazzaville, François Barateau, pedindo esclarecimentos.¹⁹ Por outro lado, o documento suscitou discursos que convidam a adotar uma posição de indiferença e de autocrítica aos próprios países africanos. Entrevistada pelo Jornal *Le Point* sobre esta questão Mbembe diz que:

Il ne faut pas accorder plus d'importance à cette note qu'elle n'en a véritablement... Ce qu'il faut déplorer, c'est que très peu d'États africains et très peu d'institutions continentales se soient penchées sur cette question [...]. Les compétences locales existent pourtant, mais elles sont soit à l'abandon [...]. Ceux qui gouvernement n'agissent pas sur la base d'études ou de connaissances fondées. Souvent, ils n'ont que mépris pour la recherche locale. Du coup, toute forme d'expertise sur nos propres sociétés et leur devenir leur vient presque toujours de l'extérieur. Cette forme d'extraversion mentale ne nous coûte pas seulement cher. Elle nous conduit tout droit dans l'impasse (Mbembe, 2020).²⁰

Este impasse torna-se cada vez mais evidente, na medida em que, tantos os discursos afropessimistas como os discursos afrotimistas moldam, criando informações equivocadas e problemáticas sobre a forma como o continente lida com a Covid-19. São olhares e debates que colocam as instituições estatais – sejam elas africanas ou externas,

¹⁸ “Antecipar o descrédito das autoridades públicas significa acompanhar com urgência, a emergência de outras formas de autoridades africanas credíveis para se dirigir às populações de forma a enfrentar as responsabilidades da crise política que vai nascer do choque provocado pela covid-19 em África...e em outros lugares, sem dúvida” (CAPS,2020).

¹⁹ "Afrique-France: coronavirus et 'effet pangolin', la note qui agite les réseaux diplomatiques," *Jeune Afrique online*, de 13 de abril 2020, disponível em <https://www.jeuneafrique.com/925774/politique/afrique-france-coronavirus-et-effet-pangolin-la-note-qui-agite-les-reseaux-diplomatiques/>.

²⁰ Não se deve dar mais importância a esta nota do que aquela que ela realmente tem..O que se deve deplorar, é que poucos Estados africanos e poucas instituições continentais se tenham debruçado sobre esta questão (...). As competências locais existem, no entanto, mas ou estão abandonadas (...) aqueles que governam não agem sob a base de estudos ou de conhecimentos fundamentados. Muitas vezes somente desprezam a investigação local. Ora, toda a forma de expertise sobre as nossas próprias sociedades e o seu futuro, chega-lhes sempre do exterior. Esta forma de extraversion mental não nos custa só caro. Ela conduz-nos diretamente ao impasse” (Mbembe, 2020). Malick Diawara e Viviane Forson, "Achille Mbembe: «Il n'y aura jamais de scénario unique», de 15 de abril de 2020, disponível em https://www.lepoint.fr/afrique/achille-mbembe-il-n-y-aura-ja-mais-de-scenario-unique-15-04-2020-2371572_3826.php.

como é o caso do Estado francês – como referência única, e que se revelam míopes face ao que acontece na realidade local, nas comunidades.

Ainda em relação à França, e passando de uma autoridade estatal para “autoridades médicas”, as continuidades coloniais são cada vez mais notórias e relembram-nos que considerar a África como cobaia e laboratório de experimentações tem sido uma prática colonial, desde há séculos. Igualmente em abril, num diálogo televisivo, dois médicos franceses propunham que se usasse os africanos como cobaias para testar uma vacina, que poderia ser eficaz contra a Covid-19.²¹ Os dois profissionais da saúde fundamentavam esta escolha pelo facto de, por não haver máscaras, nem tratamentos ou possibilidade de reanimação, o continente africano seria um laboratório ideal de experimentação. A elegibilidade dos africanos e de África, enquanto cobaias e laboratório, era ainda justificada porque, afirmavam eles, “isto era uma prática corrente, como se faz nos estudos com doentes do SIDA ou com as prostitutas porque estariam mais expostos às doenças e não se protegem”.²²

Igualmente em junho passado, na Guiné Bissau, o Ministério da Saúde confirmou em declaração que estaria a decorrer um estudo no âmbito do Projeto de Saúde de Bandim, com o uso de vacinas contra a poliomielite para combater também o novo coronavírus. Estes estudos estariam a ser conduzidos por um grupo de investigadores dinamarqueses e estadunidenses. Um coletivo de cidadãos guineenses, assim como algumas associações da Diáspora, mobilizaram-se para denunciar este estudo que estaria a transformar os cidadãos guineenses em autênticas cobaias, exigindo, numa carta aberta, que as autoridades dessem uma explicação cabal sobre o assunto.²³

A associação de África e das pessoas negras às doenças é algo que se tem verificado desde o início da pandemia e bem antes do registo dos primeiros casos no continente. Veja-se por exemplo as *fakenews* que circularam nas redes sociais no início de março onde se dizia que a pele negra era imune ao vírus.²⁴ Quase no mesmo período, veiculado por essas notícias falsas, de “naturalmente” imunes, os africanos passaram a

²¹ Para uma leitura crítica recomendo Mame-Fatou Niang. "L'Afrique cobaye ou le corps noir dans la médecine occidentale", de 9 de abril 9, 2020, disponível em <http://www.slate.fr/story/189360/afrique-cobaye-medecine-occidentale-corps-noir-empire-colonial-lci-vaccin> .

²² *Ibid.*

²³ A carta foi assinada por várias personalidades artísticas e académicas e enviada à Liga Guineense dos Direitos Humanos, Organização Mundial da Saúde (OMS), Organização da Saúde da África Ocidental e à *Human Rights Watch*.

²⁴ "False claim: African skin resists the coronavirus," Reuters online, de 10 de março 2020, disponível em <https://www.reuters.com/article/uk-factcheck-coronavirus-ethnicity/false-claim-african-skin-resists-the-coronavirus-idUSKBN20X27G>.

ser vistos como portadores do vírus e logo, como ameaças à segurança pública. É o que se verificou, por exemplo, na China, particularmente em Guangzhou, onde casos de negrofobia foram denunciados, levando inclusive a União Africana a convocar o embaixador da China em Adis Abeba.²⁵ Embora esses casos de negrofobia não sejam recentes nem esporádicos, têm-se acelerado desde o início da pandemia, agravando as vulnerabilidades das pessoas negras racializadas.

Um outro aspeto problemático das *fakenews* a partir de África, é a ilusão que se criou de que o continente não seria alvo do vírus porque a Covid-19 seria uma doença dos brancos. Por exemplo, nos Camarões, através de vários canais, como *Facebook* e *Whatsapp*, circularam várias mensagens de que o “vírus C.O.R.O.N.A” significava na verdade “Virus Concernant l’Occident rien que l’Occident et Non afrique”²⁶ (Momnougui, 2020: 27). Mesmo quando começaram a ser noticiadas mortes de pessoas como o cantor Manu Dibango e o jornalista Pape Diouf, a justificação foi logo de que, certo, eles eram africanos, mas viviam na Europa. De forma geral essas notícias eram baseadas em torno de ideias problemáticas em torno da invulnerabilidade das pessoas africanas em relação ao vírus; da resistência africana face as doenças; e da impossibilidade de o vírus sobreviver ao calor (Momnougui, 2020). Por outro lado, algumas notícias foram misturadas com um conjunto de indignações contra países como a França por exemplo, acusada de tentar diminuir a população africana (Momnougui, 2020).

Tem-se visto, quer seja em África ou nas Diásporas, estejam ou não infetadas, as pessoas negras africanas tem sido das mais afetadas por esta pandemia. Isto devido a uma série de fatores que antecedem este vírus e que têm a ver com a própria estrutura política económica e social que organizam o mundo em que vivemos. A colonialidade de uma pandemia prende-se a isso. A sua letalidade está na sua capacidade de se imiscuir em todo o lado e de forma invisível. Neste sentido, a pandemia mata até o corpo que não toca. Dizer que o vírus não discrimina, como tem sido sugerido nas redes sociais por exemplo, é obliterar responsabilidades políticas e sociais e universalizar o seu impacto, aumentando o fosso das desigualdades. É certo que pandemia é uma crise planetária, que não poupa nenhuma região do mundo. Contudo, como aponta Boaventura de Sousa Santos,

²⁵ "Coronavirus : l’Union africaine dénonce les discriminations dont sont victimes les Africains en Chine," Jeune Afrique online, de 11 de abril 2020, disponível em <https://www.jeuneafrique.com/926030/politique/coronavirus-lunion-africaine-denonce-les-discriminations-dont-sont-victimes-les-africains-en-chine/>

²⁶ Em Português Vírus relativo ao Ocidente Somente ao Ocidente e Não a África.

[A] verdade é que, em termos agregados o vírus discrimina, porque há pessoas e grupos sociais que pela sua vida, pela discriminação a que estão sujeitos, pessoas que sofrem mais fortemente as dominações do capitalismo, colonialismos e o patriarcado, os corpos explorados para além do que é possível, os corpos racializados, os corpos sexualizados, são corpos muito mais vulneráveis à contaminação do vírus (Santos, 2020).²⁷

Estas pessoas que se expõe mais ao vírus e que menos se podem defender dele, como nos aponta Santos, estão presentes nas favelas do Rio de Janeiro, nos guetos dos EUA, nas barracas da África do Sul, nos campos de refugiados da Europa ou no bairro da Jamaica em Lisboa. É nesses lugares que encontramos os corpos negros racializados em maioria. Contudo, é exatamente no seio desses mesmos lugares de extrema exposição ao vírus, da sua incubação mesma, que se desenham estratégia insurgentes de luta e se propõe alternativas emancipatórias de vida.

Importa registar que, desde o início da pandemia, diversos movimentos negros e africanos têm estado na linha da frente para garantir, não apenas a sobrevivência das suas comunidades, mas também para preservar a sua própria noção de comunidade. Pese as restrições a sua capacidade de ação, esses movimentos recusaram o confinamento da luta e, de modo contrário, intensificaram as suas lutas. Para esses movimentos, a luta é um processo contínuo e é precisamente nestes momentos de crise, em que o sistema capitalista, racista, patriarcal e colonialista parece que se articula para degradar a condição humana de uma parte da população, que a rebeldia e insurgência se apresentam como modos de ação política potentes, geradoras de uma autonomia e emancipação radicais.

Movimentos negros e africanos em luta: estratégias de contestação, políticas de emancipação

Nesta secção mostro como dois movimentos destintos, a Consciência Negra e Abahlali base Mjondolo, a partir de lugares diferentes, convidam-nos a ter um outro olhar sobre África e as pessoas negras e africanas, no que concerne esta pandemia. Para articular esse diálogo exploratório introduzo dois parafusos lógicos que considero interessantes e pertinentes para perceber outras dimensões da luta dessas organizações. As cidadanias insurgentes de James Holston e as propostas meta-teóricas do panafricanismo.

²⁷ Aula magistral 1, "Entre a utopia e a miopia", realizada a 2 de abril de 2020, disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=BD7vjm9fd88&t=1580s>.

Consciência negra

Consciência Negra (CN) é uma organização política que se assume como democrática, autónoma e suprapartidária. A organização foi formalmente criada em 2014 e desde então tem sido uma das vozes potentes do movimento negro em Portugal.²⁸ Consta da sua carta de princípios orientadores, vários pontos que relevam uma preocupação em “organizar e unir as lutas da juventude e dos trabalhadores negros/as e não-brancos/as sob a orientação de um Programa de Raça e Classe de cariz antirracista e anticapitalista”.²⁹ A organização é formada por pessoas africanas e negras, nascidas em Portugal, incluindo também algumas pessoas brancas. Na sua página oficial do *Facebook*, definem-se como: “uma ferramenta capaz de fortalecer a luta contra o racismo e a exploração em Portugal, buscando a unidade com os demais setores oprimidos e humilhados pelo capitalismo” (CN, 2020). A luta contra o racismo está, portanto, no cerne das ações políticas deste movimento para quem a recolha de dados étnico-raciais é uma questão crucial para resolver as desigualdades sociais ligadas à raça em Portugal.

Em 2015, esta organização foi uma das 22 subscritoras de uma carta endereçada à ONU, na qual denunciava precisamente a inexistência de políticas específicas para as comunidades negras e afrodescendentes, no que toca o racismo, tal como recomendava a ONU.³⁰ As questões do direito, da nacionalidade, da habitação precária e dos despejos abusivos dos bairros maioritariamente de pessoas negras por parte do Estado, da denúncia contra a brutalidade policial, da questão dos direitos sexuais³¹ entre outros, configuram-se como os grandes princípios que gerem a ação política desta organização.

Desde o início da pandemia, o CN tem produzido um conjunto de declarações de denúncia e análises sobre a problemática social da pandemia, tanto em Portugal como em alguns países do continente africano.³² Num dos artigos de opinião publicados na sua

²⁸ Por “Movimento Negro” refiro-me à constelação de organizações criadas e lideradas por pessoas negras, que tem o antirracismo como uma das pautas principais. Embora não existe uma formalização deste movimento como por exemplo no Brasil, a Plataforma dos afrodescendentes, criada em 2016, na sequência da carta enviada a ONU, por cerca de 22 associações, denunciando a falta de políticas específicas de combate ao racismo em Portugal, pode ser entendido como uma das várias tentativas de materializar este movimento.

²⁹ Segunda a sua Carta de Princípios, um documento interno não datado.

³⁰ Organizações afrodescendentes portuguesas. Veja-se a “Carta aberta ao CERD” (2016), disponível em <https://museudigitalafroportugues.wordpress.com/2016/12/08/carta-aberta-de-organizacoes-afrodescendentes-portuguesas-ao-cerd-2016/>.

³¹ Sobre esta questão e interessante ver que, apesar da organização ser constituída por uma esmagadora maioria de homens, a carta dos princípios tem uma linguagem inclusiva em termos de identidade de género.

³² Principalmente a partir da sua página *Facebook*, que passou a ser o seu principal veículo de comunicação neste período da pandemia.

página, afirma que “o vírus não discrimina em função da cor, mas a organização económica e social e as opções políticas dos governos, sim” (CN, 2020). Na mesma linha, de denúncia, em abril passado, junto com outros movimentos negros, o CN foi um dos subscritores de um documento intitulado: “Covid19: a luta antirracista não faz quarentena”, onde afirmam que “[A] pandemia covid-19 não vê cores, mas as pessoas negras, ciganas, imigrantes e em situação de pobreza estão mais expostas ao contágio, à negação de direitos básicos, assim como à crise económica”.³³ Neste documento onde são elencados uma série de situações de exposição ao contágio, afirma que este era o momento de se assumir que “os portugueses são de todas as cores e de pensar novas formas de organização económica e sociais não cerceadas pelo capitalismo, racismo, patriarcado e em solidariedade com os povos do sul do Mundo”.³⁴ Na linha deste manifesto, foi criado um fundo intitulado: “Covid-19: Campanha Antirracista de Apoio Imediato – Lisboa”, com o objetivo de contribuir para ampliar as redes de solidariedade entre os movimentos e as comunidades, de forma colmatar a ausência de apoios do Estado. Esta iniciativa partiu de coletivos negros de Portugal e mostra o quão importante são essas redes em tempos como estes porquanto, várias pessoas têm sido ajudadas.

No que respeita aos “povos do sul do mundo” mencionado no manifesto, o continente africano tem sido referência praticamente constante para o CN. Ressalvo, neste contexto pandémico, algumas ações. A denúncia dos ensaios clínicos da vacina da poliomielite na luta contra o Covid-19 na Guiné Bissau, que já mencionei antes, é um dos exemplos. Num artigo de 20 de junho, publicado na sua página, um dos membros da organização denunciava a tentativa de transformar o povo guineense em cobaia, com testes cuja fiabilidade referem que seria duvidosa e cuja informação as autoridades omitiram.³⁵ O documento que acusa, tanto as ingerências externas, como a colonialidade do próprio Estado guineense nesta questão das vacinas, terminam dizendo que “há uma geração em África que não vai esquecer, não vai perdoar. Fazemos parte dessa mesma geração” (Yusef, 2020).³⁶

³³ “Covid-19: a luta antirracista não faz quarentena,” *Publico online*, de 13 de abril 2020, disponível em https://www.publico.pt/2020/04/13/sociedade/opiniao/covid19-luta-antirracista-nao-faz-quarentena-1912021?fbclid=IwAR0hfi30FWabEYcyisZ8BS17737s3Rm29uo-WGKiRFBSqnFV73_e5HqNZ_k.

³⁴ *Ibid.*

³⁵ O documento intitulado: “O povo da Guiné-Bissau como cobaia de ensaios clínicos da vacina contra o COVID19”, publicado por um dos membros da direção da organização pode ser lido na página oficial do CN, em https://www.facebook.com/pg/lutanegra/about/?ref=page_internal.

³⁶ Yusef (@lutanegra): “O povo da Guiné-Bissau como cobaia de ensaios clínicos da vacina contra o COVID19”, publicado no Facebook, em junho 20, 2020, em https://www.facebook.com/lutanegra/posts/1201344290214458?_tn=K-R.

Esta crítica à performance do Estado em África e, particularmente, na Guiné Bissau introduz outros elementos sobre esse afrootimismo míope de que falávamos anteriormente. O deslumbramento pela forma como o continente lida com a questão pandémica, invisibiliza questões mais complexas ligadas à relação do Estado com a comunidade. Essas denúncias do CN, a partir da diáspora, junta-se à mobilização dos próprios jovens na Guiné Bissau contra as vacinas, assim como a carta do coletivo de cidadão guinezes, que já tinha mencionado.

Importa também registar que o CN tomou a iniciativa, junto com outros movimentos negros e antifascistas em Portugal, de organizar no dia 6 de junho de 2020, aquela que foi uma das maiores manifestações antirracistas já realizadas no país, com a participação de milhares de pessoas em Lisboa, Porto, Coimbra, entre outras cidades. Se o assassinato de George Floyd foi o que disparou esta manifestação inédita em termos participação e de contexto, foi sobretudo uma manifestação onde se lembrou essa articulação entre as pautas de luta contra o racismo no seu sentido amplo, mas sobretudo contra a violência policial. Nos cartazes e comunicações partilhadas pelo CN, podiam-se ler nomes de pessoas negras mortas s mãos da polícia por todo o mundo e, sobretudo em Portugal.³⁷

Essas ações, e outras que esta organização tem levado a cabo – embora não se definindo como tal em nenhum momento nem documento – ousou dizer que, inscreve-me dentro de uma linha de ação e pensamento pan-africanista revolucionário, internacionalista, que considera a unidade da luta entre África e Diáspora como um processo político fundamental para a construção de uma outra sociedade. Segundo Yussef, um dos membros do CN, “a praxis da organização define o seu pan-africanismo. A carta de princípios, as atividades e o que se expressam na página [Facebook]. Mas o nosso pan-africanismo seria o de Fanon, de Nkrumah, de Cabral, de Kwame e Turé”.³⁸

O pan-africanismo, termo cunhado em 1900 (Yabara, 2014), é um conceito polissémico que pode ser entendido como um movimento, uma ideia, uma orientação política, uma doutrina ou filosofia, que tem uma série de propostas diferentes, mas que circulam em torno de alguns elementos estruturantes, quais sejam; África como legado comum, a solidariedade entre todas as pessoas negras, a unidade africano-diaspórica, a

³⁷ Consciência Negra (@lutangera) "Justiça para Floyd, solidariedade com os movimentos Black Lives Matter," Facebook, junho 2, 2020,

<https://www.facebook.com/lutanegra/photos/a.184666528548911/1186700538345500/?type=3&theater>

³⁸ Mensagem enviada via WhatsApp.

luta contra a escravatura, o colonialismo, o patriarcado e o capitalismo e outras formas estruturais de opressão e o renascimento Africano como horizonte futuro (Yabara, 2014). Esta proposta tem múltiplas formas de aplicação e o CN, a partir de Portugal, tem sido, na minha perspetiva, uma das vozes inconfundíveis desta polifonia que é o pan-africanismo.

Segundo o historiador Amzat Buakari-Yabara, “o pan-africanismo é um enigma da história” (Yabara, 2014: 5). Talvez por isso o pan-africanismo se manifeste em lugares onde muitas vezes não é formulado, nem politicamente, nem conceptualmente como tal, podendo a sua origem, ser retraçada, se calhar, muito antes da sua formulação, em 1900, na Inglaterra. Há várias organizações que, não sendo pan-africanistas, que não usando e, se calhar, até ignorando as grandes referências teóricas pan-africanas, possuem todo um *modus operandi*, práticas política e comunitárias que são *per si*, o pan-africanismo no concreto.

São esses movimentos que alimentam o que chamo de Biblioteca pan-africana em contraposição à Biblioteca colonial. Nessas Bibliotecas pan-africanas, os arquivos da luta são constantemente ativados e o conhecimento emancipatório constrói-se a partir da produção de memórias coletivas. Vejamos, por exemplo, o caso da Abahlali baseMjondolo, na África do Sul, um movimento cuja produção quotidiana de memórias, forjada na luta, se emaranha nas memórias sobre este hoje, produzidas por organizações como o Consciência Negra, fazendo com que a Biblioteca pan-africana seja, em si, um colosso memorial onde diferenças e divergências são transformadas em diversidade. Falarei do que une e separa essas organizações, mais à frente.

Abahlali baseMjondolo

What do we want? The basics, water, electricity, sanitation, land, and housing. No land, no vote” (AbM, 2005).³⁹

Em isizulu, Abahlali baseMjondolo significa “pessoas que vivem em barracas” (AbM, 2005). Criada em 2005, Abahlali baseMjondolo é um movimento de moradores que nasceu em Durban (África do Sul) e se espalhou por outras cidades, com a adesão de milhares de pessoas, sendo hoje considerado um dos maiores movimentos de pessoas pobres na África do Sul pós-Apartheid. O movimento surgiu de mobilizações populares

³⁹ “O que é que queremos? O básico: água, eletricidade, saneamento, terra e habitação. Sem terra, não há voto” (AbM, 2005).

que organizaram um bloqueio de estradas em protesto contra a venda de um terreno vazio, pelo governo municipal a um industrial local, mas que tinha sido originalmente prometido ao assentamento comunitário informal, a Kennedy Road Shack (AbM, 2005; 2006).

A prioridade da Abahlali baseMjondolo é melhorar as condições de vida dos habitantes das barracas pobres da África do Sul e isto passa pela luta contra os despejos abusivos, contra a brutalidade policial, por melhores moradias, em suma, pela busca da afirmação da dignidade humana. O movimento define-se como radicalmente democrático, popular e anti partidário, buscando criar uma democracia direta, a partir de baixo, das barracas, onde as pessoas são envolvidas enquanto decisoras políticas relevantes e não meras votantes (AbM, 2006).

No contexto sul-africano, Abahlali baseMjondolo tem-se oposto não só às demolições e remoções forçadas das pessoas das suas casas, mas tem exigido também terras melhores, mais bem localizadas e moradias de qualidade. Hoje, o movimento tornou-se mais amplo estendendo as suas ações em várias áreas, como a luta contra a xenofobia, a brutalidade policial, o racismo na polícia, e tem feito ações importantes no que respeita à educação e à formação política, construindo escolas, creches e a universidade Abahlali baseMjondolo (AbM, s/d; 2007):

Our struggle is thought in action and it is thought from the ground at the University of Abahlali baseMjondolo. We define ourselves and our struggle (Zikode, 2006),⁴⁰

As much as all debates are good, fighting only by talking does not take us much further. Sometimes we need to strengthen our muscles for an action debate that is a living debate that does not only end on theories. (Zikode, 2007).⁴¹

A universidade Abahlali baseMjondolo, centra-se na criação de competências consideradas como essenciais à comunidade, seja no ramo da informática, da segurança, construção das moradias, da melhoria do acesso à rede de água e eletricidade, passando por questões ligadas à justiça, ao direito à cidade, estratégias políticas, etc. (AbM, 2007). De forma geral, podemos dizer que a organização tem criado, dentro da África do Sul pós-apartheid, uma outra proposta de viver em comum, de fazer a cidade e de habitá-la.

As linhas orientadoras da ação política da organização, vão sendo discutidas ao longo dos seus encontros regulares, e estão marcadas nas declarações públicas dos membros dirigentes do movimento. Nessas linhas, encontramos algumas ideias chaves

⁴⁰ “A nossa luta é pensada em ação e é pensada no terreno da Universidade Abahlali baseMjondolo. Definimo-nos a nós, e à nossa luta” (Zikode, 2006). Citação extraída do texto: “University of Abahlali baseMjondolo”, disponível em <http://abahlali.org/university-of-abahlali-basemjondolo/>.

⁴¹ *Ibid.*

como: 1- uma política dos pobres; 2- uma política viva; 3- uma política do povo. Numa nota publicada, intitulada: *Guide for NGOs, Academics, Activists and Churches Seeking a Relationship with the Movement*, Zikode, uma das vozes do movimento dizia:

Abahlali's call for Land and Housing in the cities has become a threat to the authorities, some NGOs and some academics who still believe that social change cannot come from the bottom, who still believe that democracy is about being loyal to an authority. Such top down system has terrorized our society. In fact, it is an insult to assume that the poor people cannot think for themselves, that someone else must talk for them without their concern. In view of this understanding a new living politic of the poor has been born... [But] it is clear that the organising of the poor by the poor to talk about their future is a crime in this country.⁴² (AbM, 2007)

“Uma política dos pobres” significa que as pessoas pobres são as autoras e as protagonistas ativas nas suas lutas. Ou seja, a política só faz sentido quando acontece nos lugares e nas linguagens que as pessoas percebem. A ideia de “uma política viva”, convoca duas dimensões. A primeira é de que são as experiências vividas no quotidiano que formam a orientações do pensamento teórico, ou seja, a teoria não seria externa à experiência, mas sim algo que emana do viver em comum. A segunda dimensão desta “política viva” é a democratização do próprio pensamento político. Ou seja, ideia de que o pensamento político deve ser sempre assumido democraticamente e em comum. “Uma política do povo” opõe-se a todas as formas de política verticais, onde o povo é chamado apenas delegar a sua voz. Esta política passa pelo não reconhecimento da legitimidade da política partidária e pela recusa política de políticos. Abahlali convoca assim a ideia de uma “homemade politics”⁴³ (Ngiam, 2006: 33), que recusa qualquer tipo de representatividade externa. Nas palavras de Zikode, citado por Ngiam,

There is Abahlali politics, the politics of the people, and then there is party politics. The political parties have their own culture, where you find more lies, where you find more talking and no action. Where you find more promises, no actions. Those are party politics that Abahlali is opposed to. And also, you will find this personal politics where it promotes the individual ... In Abahlali, we have described, and we have seen politics as nothing else other than the defensive tactics for the politicians not to lose their power. There is nothing much other than big talking and no actions. As much as we would understand politics in a normal way, in our time, it has (become) something that we hate so much. We have seen the people that we trust the most, they can talk so much, but

⁴² “A reivindicação de Abahlali por terra e habitação nas cidades, tem-se tornado uma ameaça para as autoridades, algumas ONG e alguns académicos, que ainda acreditam que a mudança não pode vir de baixo, que ainda acreditam que a democracia é ser leal a uma autoridade. Esse sistema de cima para baixo tem aterrorizado a nossa sociedade. Na verdade, é um insulto assumir que pessoas pobres não podem pensar por si próprias, que alguém tem de falar por elas sem o seu consentimento. Em vista disto, nasceu uma nova forma dos pobres viverem a política... [Mas] é claro que a organização dos pobres pelos pobres, a falarem do seu futuro, é um crime neste país” (AbM, 2007).

⁴³ “Política doméstica” (Ngiam, 2006: 33)

they cannot achieve a single thing. They can lie. When one talks about politics, one must be very careful. This politics does not put the bread on the table. That is the dangerous part of this politics.⁴⁴ (Ngiam, 2006: 32).

Abahlali baseMjondolo está cada mais presente e organizada nas duas maiores cidades da África do Sul, a Cidade do Cabo e Durban. Esta presença abala a própria ordem neoliberal destas cidades, expondo as suas contradições ao denunciar as falhas e insuficiências das instituições estatais. Por outro lado, ao lutar para que as pessoas pobres, o povo, desponte como sujeito político autónomo, o movimento tem proposto um projeto de emancipação, assente numa “cultura política radicalmente democrática” (Gibson, 2019: 54). O movimento vem criando uma política do mundo, do vivente, onde a proximidade, a escuta e conhecimento profundo das realidades quotidianas afirmam-se como fundamentais para o exercício da cidadania. Porém, uma cidadania diferente, que passa pela recusa categórica da participação nos clássicos formatos da democracia representativa, ou seja, o voto e os partidos políticos como intermediários.

O que Abahlali baseMjondolo vem desenvolvendo, é o exercício de uma cidadania rebelde e insurgente, muito na linha do que James Holston (2008) discute. A partir das realidades do Brasil, Holston mostra como a cidadania é vivenciada a partir das periferias urbanas, no meio de tantas contradições sociais. A cidadania insurgente no Brasil revelaria, então, um conjunto de experiências novas que ampliam a própria democracia e a reinventa de baixo para cima, mesmo face a formas de violência e exclusão cada vez mais presentes e duros. A cidade é redesenhada a partir das suas margens, por pessoas ainda marginalizadas.

Quando recusam o voto, a participação partidária, o diálogo desigual com as instituições do Estado e, sobretudo, quando decidem que a política deve nascer de baixo para cima, e que as pessoas devem ser parte ativas dos processos de decisão, Abahlali baseMjondolo, traz novas dimensões para entender aquilo que seria a cidadania insurgente, rebelde, na África do Sul. E isto torna a sua conceção de cidadania ‘particularmente’ singular naquele país, sobretudo neste contexto da pandemia.

⁴⁴ “Existe a política de Abahlali, a política do povo, e há a política partidária. Os partidos políticos têm a sua própria cultura, onde encontram mais mentiras, onde encontram mais conversa e pouca ação. Onde encontram promessas, sem ação. Esses são os partidos políticos a que Abahlali se opõem. E também irá encontrar esta política pessoal em que se promove o individual. Em Abahlali, descrevemos e vemos a política sem ser outra coisa se não a tática defensiva dos políticos para que não percam o seu poder. Não há nada mais além de grandes conversas sem ações. Por muito que entendamos a política de uma forma normal, no nosso tempo, tornou-se em algo que odiamos. Vimos as pessoas em que confiamos, podem falar tanto, mas não podem fazer nada. Podem mentir. Quando alguém fala de política, tem de ter muito cuidado. Esta política não põe pão na mesa. Esta é a parte perigosa desta política” (Ngiam, 2006: 32)

A África do Sul entrou em confinamento no dia 26 de março,⁴⁵ e logo de seguida vários despejos foram perpetrados em municípios do país. Desde o primeiro momento destes despejos, Abahlali baseMjondolo começou a denunciar o seu aspeto ilegal e criminal, considerando a moratória ordenada pelo ministro da Justiça do país (AbM, 2020). Já no dia 22 de março, antes do confinamento obrigatório, o movimento tinha rapidamente organizado a primeira de uma série de reuniões para discutir a crise da Covid-19, tendo inclusive suspenso reuniões, encontros e comemorações que já tinha no seu programa anual. Os recursos que seriam usados para esses momentos foram todos redirecionados para ajudar as pessoas a sobreviver a crise.

If you are poor and black your life does not count to the government. Your dignity can be vandalised at any time. Your home can be destroyed at any time. You can be humiliated, robbed, assaulted, and murdered by the police, the anti-land invasion units, private security, or the army⁴⁶ (AbM, 2020).

Esta é uma nota introdutória de uma declaração publicada pelo movimento no seu *website* onde expõe o despejo de Bulelani Qolani, um jovem sul-africano de 28 anos, por parte do Estado. Nesta declaração, o movimento dizia que o Estado estaria a vandalizar a humanidade de Bulelani, em pleno contexto de pandemia num dos países com mais casos de Covid-19 em África. De facto, os milhares de pessoas que vivem nas barracas sul-africanas são um grupo de risco preocupante porque acumulam já várias doenças como, tuberculose, VIH e várias outras condições de *stress* causadas pelas lacunas e faltas de resposta do Estado. Numa nota intitulada: “Coronavirus: A Call for Solidarity in a Time of Crisis” (AbM, 2020), o movimento avança com a leitura de que a doença é também política e que a classe determina quem tem assistência médica e quem não tem, quem tem acesso à água, saneamento e meios seguros para aquecimento e iluminação e quem não tem. No documento, Abahlali baseMjondolo, faz um apelo à ativação da memória histórica, de forma a politizar a luta contra a Covid-19, da mesma forma que fizeram com o HIV, cujo acesso a medicamentos foi obtido graças à luta e à politização das questões pela saúde (AbM, 2020).

Para Abahlali baseMjondolo, o risco em que se encontram as pessoas que vivem nas barracas é reflexo da incapacidade do governo em fornecer moradia e serviços básicos

⁴⁵Veja-se <https://businesstech.co.za/news/government/383927/ramaphosa-announces-21-day-coronavirus-lockdown-for-south-africa/>.

⁴⁶ Em português: Se és pobre, negro, a tua vida não importa para o nosso governo. A tua dignidade pode ser vandalizada a qualquer momento. A tua casa pode ser destruída a qualquer momento. Podes ser humilhado, assaltado, assediado e morto pela política, pelas unidades anti invasões territoriais, pela segurança privada ou pelo exército (AbM, 2020)

às comunidades. Esta incapacidade revela as falhas e o declínio do sistema de saúde, bem como da situação económica que resultou no desemprego em massa (AbM, 2020). Enfim, a todo um modelo económico obsoleto e falho, que mata de forma sistemática, determinadas pessoas. Essa incapacidade do governo em fazer, leva a incapacidade da Abahlali baseMjondolo em confiar.

No dia 29 de março passado, o movimento denunciava de novo uma série de despejos, não obstante o facto de o governo ter prometido que não haveria. Cerca de cinco casas foram destruídas na municipalidade de Thekwini (AbM, 2020). Aballai tem vindo outrossim, a denunciar a hipocrisia governo sul-africano na cena internacional. Por exemplo, no caso do assassinato de George Floyd, vários líderes políticos do país pronunciaram palavras de condenação ao racismo nos EUA, mas continuaram impávidos face à situação dos sul-africanos nas barracas, que sofrem de um racismo internalizado, extremamente violento da qual a policial sul-africana é expressão máxima, seu braço armado. Importa dizer que vários líderes do movimento têm sofrido pressões e ataques contra a sua vida.

Entre os movimentos Abahlali baseMjondolo e o Consciência Negra, embora pesem as distas latitudes, existem vários pontos de convergência. As pautas antirracistas e contra xenofobia estão na génese dessas duas organizações. No caso das mobilizações mundiais para denunciar o assassinato de George Floyd, por exemplo, ambas a organizações expressaram a sua solidariedade com os afroamericanos, denunciando o racismo naquele país ao mesmo tempo que ambos os movimentos consideram o problema racial como resultado do sistema capitalista. Abahlali baseMjondolo escreveu um documento intitulado: “We offer our full support to the American rebellion”⁴⁷ (AbM, 2020) onde reafirmam o seu papel a luta contra a longa história do racismo. As questões da habitação, do género, entre outros também marcam os pontos de convergência entre os dois movimentos. Outro ponto de convergência, mais interessante, tem a ver com o pan-africanismo. Se por um lado a Abahlali baseMjondolo nunca usa o termo pan-africanismo, toda a sua luta e princípios assentam-se dentro daquilo que seria uma polifonia do pan-africanismo, da mesma forma que a CN, que também não se define como pan-africanista, tem um conjunto de práticas que podem coadunar com as pautas pan-africanas. De destacar a questão da solidariedade para com todas as pessoas negras, a luta contra o capitalismo, e a própria questão da unidade africana, assente na solidariedade

⁴⁷ “Oferecemos toda o nosso apoio à rebelião americana” (AbM, 2020)

aos imigrantes de outros países, ao internacionalismo político. Durante, por exemplo, os ataques xenófobos que aconteceram no África do Sul, em 2008, os assentamentos da Abahlali baseMjondolo sempre foram lugares seguros (AbM, 2008).

There is only one human race. Our struggle and every real struggle are to put the human being at the centre of society A person cannot be illegal. A person is a person wherever they may find themselves. If you live in a settlement you are from that settlement and you are a neighbour and a comrade in that settlement (AbM, 2008).⁴⁸

Conclusão

Este exercício consistiu numa reflexão em torno das narrativas sobre África e as pessoas negras e africanas face à pandemia de Covid-19 que continua a vitimar milhares de pessoas pelo mundo. Tratou-se de uma leitura sobre o momento atual, o agora, o presente. E por isso, muito do que foi aqui dito em termos estatísticos terá, entretanto, mudado. Todavia, pudemos ver e temos visto que, as questões raciais e coloniais parecem resistir a qualquer tempo ou processo de mudança, por mais bruscos que sejam. Esta pandemia mostra-nos isso. Como aponta, e muito bem, Geni Núñez, um vírus não é uma existência que se possa culpabilizar ou atribuir características *a priori* humanas, como a capacidade de educar ou de punir. Contudo, podemos ter uma leitura política e histórica da pandemia em si e tentar percebê-la como uma questão que tem dimensões outras que apenas medical e sanitária. Uma pandemia tem contornos políticos que afetam pessoas, estejam elas contaminadas ou não. Falta muito ainda para sabermos estas relações, mas não será de todo exagerado dizer que vivemos um momento marcante da memória, ainda em construção, deste século presente, em que o papel dos movimentos sociais, das organizações de base, das comunidades locais, que sempre foi importante, se revela cada vez mais essencial e determinante para as sociedades. Relembrando Du Bois em *The Souls of Black Folk* (1903) podemos dizer que, para milhões de pessoas negras espalhadas pelo mundo, a luta contínua porque a cor, as linhas que a atravessam, continuam a ser ainda, o grande problema deste século, e sem dúvida, um dos maiores desafios da história humana.

⁴⁸ Só existe uma raça humana. A nossa luta, a nossa verdadeira luta é colocar o ser humano no centro da sociedade Uma pessoa não pode ser ilegal. Uma pessoa é uma pessoa, onde quer que estejam. Se vive num assentamento, és desse assentamento e és um vizinho e um camarada, dentro desse assentamento” (AbM, 2008)

Referências

- Abahlali baseMjondolo (2020), “Evictions Continue in Durban Despite the National Moratorium”, *Abahlali baseMjondolo*, de 29 março 2020. Consultado a 21.07.2020, em <http://abahlali.org/node/17041/>.
- Abahlali baseMjondolo (2020), “Coronavirus: A Call for Solidarity in a Time of Crisis”, *Abahlali baseMjondolo*, 22 de março 2020. Consultado a 21.07.2020, em <http://abahlali.org/node/17029/>.
- Abahlali baseMjondolo (2020), “Minister Sisulu Is Playing Dirty Politics with Our Lives & Dignity”, *Abahlali baseMjondolo*, de 3 de julho 2020. Consultado a 22.07.2020, em <http://abahlali.org/node/17145/>.
- Abahlali baseMjondolo (2020), “University of Abahlali BaseMjondolo”, *Abahlali baseMjondolo*, s/d. Consultado a 09.07.2020, em <http://abahlali.org/university-of-abahlali-basemjondolo/>.
- Abahlali baseMjondolo (2007), “Abahlali BaseMjondolo Constitution (Draft 16 June 2006) Constitution of the Abahlali Basemjondolo Movement”, *Abahlali baseMjondolo*, s/d. Consultado a 22.07.2020, em: <http://abahlali.org/node/855/>.
- Abahlali baseMjondolo (2020), “Unite Against Xenophobia”, *Abahlali baseMjondolo*, de 9 de julho 2020. Consultado a 09.07. 2020, em <http://abahlali.org/node/17147/>.
- Abahlali baseMjondolo (2020), “We Offer Our Full Support to the American Rebellion,” *Abahlali baseMjondolo*, de 5 de junho 2020. Consultado a 10.07.2020, <http://abahlali.org/node/17128/>.
- Abahlali baseMjondolo (2005), “SA’s Poor Have Had Enough”, *Abahlali baseMjondolo*, 25 de dezembro 2020. Consultado a 23.07.2020, em <http://abahlali.org/node/date/2005/12/>.
- Abahlali baseMjondolo (2007), “The University of Abahlali BaseMjondolo”, *Abahlali baseMjondolo*, s/d. Consultado a 14.07.2020, em <http://abahlali.org/node/2814/>.
- Abahlali baseMjondolo (2008), “Abahlali BaseMjondolo Statement on the Xenophobic Attacks in Johannesburg”, *Abahlali baseMjondolo*, a 21 de maio 2008. Consultado a 24.07.2020, em <http://abahlali.org/node/3582/>.
- Abahlali baseMjondolo (2008), “IPolitiki EPhilayo: Digital Traces of the Political Thinking at the University of Abahlali BaseMjondolo”, *Abahlali baseMjondolo*, s/d. Consultado a 25.07.2020, em <http://abahlali.org/node/3208/>.
- Allemandou, Ségolène (2017), “Pour Macron, Le Développement De L'Afrique Passe Par La Baisse De La Fécondité”, *Jornal France 24*, de 12 de julho. Consultado a

- 16.07.2020, <https://www.france24.com/fr/20170711-macron-croissance-afrique-probleme-nombre-enfants-africaines-developpement>.
- Berthemet, Tanguy (2020), "Scénario Catastrophe Pour L'Afrique Désormais Touchée Par Le Coronavirus", *Jornal Le Figaro*, de 8 de abril. Consultado a 22.06.2020, em <https://www.lefigaro.fr/international/scenario-catastrophe-pour-l-afrique-desormais-touchee-par-le-coronavirus-20200401>.
- BBC News (2020), "Coronavirus: Africa Could Be next Epicentre, WHO Warns", *Jornal BBC News*, de 13 de abril. Consultado a 25.07.2020, em <https://www.bbc.com/news/world-africa-52323375>.
- Bercito, Diogo (2020), "Pandemia Democratizou Poder De Matar, Diz Autor Da Teoria Da 'Necropolítica'", *Jornal Folha de São Paulo*, de 30 de março. Consultado a 24.07.2020, em <https://www1.folha.uol.com.br/mundo/2020/03/pandemia-democratizou-poder-de-matar-diz-autor-da-teoria-da-necropolitica.shtml>.
- Consciência Negra (2020), "Justiça para Floyd, solidariedade com os movimentos Black Lives Matter", *Página Facebook Consciência Negra*, de 2 de junho 2020. Consultado a 24.07.2020, em [shorturl.at/lsDW0](https://www.facebook.com/consciencianegra/)
- Consciência Negra (2020), "Informação de apresentação", *Página Facebook Consciência Negra*, s/d. Consultado a 24.07.2020, em [shorturl.at/uKRW5](https://www.facebook.com/consciencianegra/)
- Consciência Negra (s/d), *Carta de princípios*.
- Forson, Viviane; Diawara, Malick (2020), "Achille Mbembe : 'Il N'y Aura Jamais De Scénario Unique'", *Jornal Le Point*, de 15 de abril. Consultado a 2.07.2020, em [shorturl.at/tuyLY](https://www.lepoint.fr/actualite-monde/achille-mbembe-il-n-y-aura-jamais-de-scenario-unique-2020-07-15_1930000.php).
- Berthemet, Tanguy (2020), "Scénario Catastrophe Pour L'Afrique Désormais Touchée Par Le Coronavirus", *Jornal Le Figaro*, de 8 de abril. Consultado a 24.07.2020, em [shorturl.at/ehnzX](https://www.lefigaro.fr/international/scenario-catastrophe-pour-l-afrique-desormais-touchee-par-le-coronavirus-20200401).
- Fanon, Frantz (1961) *Les Damnés de la Terre*. Paris: La Découverte.
- Gibson, Morgan Rodgers (2019), "The Failure of The State and The Rise of Anarchism in Contemporary Anti-Systemic Praxis", *New Proposals: Journal of Marxism and Interdisciplinary Inquiry*, 10 (1), 58-63.
- Hervieu, Sébastien (2020), "Au Sénégal, Le Coronavirus Provoque Une Pousée De Fièvre Anti-Française", *Jornal L'Express*, de 26 de março. Página consultada a 1.07.2020, em https://www.lexpress.fr/actualite/monde/afrique/au-senegal-une-poussee-de-fievre-anti-francaise_2121481.html.

- Hill, Jonathan (2005), "Beyond the Other? A postcolonial critique of the failed state thesis", *African Identities*, 3, 139-154.
- Holston, James (2008), *Insurgent Citizenship: Disjunctions of Democracy and Modernity in Brazil*. Princeton, NJ: Princeton University Press.
- Jeune Afrique (2020), "Afrique-France: Coronavirus Et " Effet Pangolin ", La Note Qui Agite Les Réseaux Diplomatiques – Jeune Afrique", *Jornal Jeune Afrique*, de 13 de junho. Consultada a 22.06.2020, em shorturl.at/vCMTY /.
- Jeune Afrique (2020), "Coronavirus En Afrique : Une Carte Pour Suivre Au Jour Le Jour L'avancée De L'épidémie", *Jornal Jeune Afrique*, de 10 de julho 2020. Consultada a 24.07.2020, em shorturl.at/zEIVW /.
- Kilomba, Grada (2020), "O sistema funciona para não saber. É preciso começar a saber" *BoCA - Biennial of Contemporary Arts*. Consultada a 30.07.2020, em <https://www.youtube.com/watch?v=fZp6FcsYfOU&t=918s>.
- Lusa (2020), "União Europeia Tem De Ajudar África, Até No Seu Próprio Interesse", *Jornal O Observador*, de 3 abril. Consultado a 24.07.2020, em shorturl.at/afpC6
- Lusa (2020), "Grupo De Cidadãos Quer Explicações Sobre Testes Com Vacinas Na Guiné-Bissau", *Jornal Sapo Atualidade*, de 19 de junho 2020. Consultado a 24.07.2020, em shorturl.at/W2378.
- Movimentos antirracistas (2020), "Covid-19: a Luta Antirracista Não Faz Quarentena", *Jornal Público*, de 13 de abril. Consultado a 24.07.2020, em shorturl.at/bkmIR.
- Mbembe, Achille (2017) *Crítica da Razão Negra*. Lisboa: Antígona.
- Meneses, Maria Paula (2020), "A Anatomia Silenciada Da COVID-19", *ALICE News*. Consultado a 20.07.2020, em <https://alicenews.ces.uc.pt/index.php?id=28642>.
- Momnougui, Cécile Renée Bonono (2020), "Grande palabre croisée de la pandémie : une covid-19 en cache d'autres. Élaborations socio-culturelles", in Mougou Mbenda S.; Ondoua Biwole V. (orgs.), *Epidémiologie de l'économie et confinement de l'organisation covid-19*. Yaoundé: Les Presses Universitaires de Yaoundé, 21-34.
- Mudimbe, Valentim Yves (1988), *The Invention of Africa: Gnosis, Philosophy, and the Order of Knowledge*. Bloomington: Indiana University Press.
- Ngiam, Xin Wei I. (2006), "Taking poverty seriously: What the poor are saying and why its matters", *Critical Dialogue – Public Participation in Review: A Journal on Public Participation in Governance*, 2 (1), 31-35.

- Niang, Mame-Fatou (2020), “L’Afrique Cobaye Ou Le Corps Noir Dans La Médecine Occidentale”, *Jornal Slate France*, de 09 de abril. Consultado a 15.06.2020, em shorturl.at/rvJLQ.
- Richards, Paul (2020), “What Might Africa Teach the World? Covid-19 and Ebola Virus Disease Compared”, *African Arguments*, de 17 de março 2020. Consultado a 20.07.2020, em shorturl.at/cgJJK /.
- Reuters (2020), “False Claim: African Skin Resists the Coronavirus”, *Jornal Reuters*, de 11 de março. Consultado a 11.07.2020, em shorturl.at/cyAI8.
- Santos, Boaventura De Sousa (2007), “Para Além Do Pensamento Abissal: Das Linhas Globais a Uma Ecologia De Saberes”, *Novos Estudos – CEBRAP*, (79), 71–94. Consultado a 10.07.2020, em <https://doi.org/10.1590/s0101-33002007000300004>.
- Santos, Boaventura de Sousa (2020), *A Cruel Pedagogia do Vírus*. Coimbra: Almedina.
- Santos, Boaventura de Sousa (2020), Aula magistral 1, "Entre a utopia e a miopia", de 2 de abril 2020. Transcrição própria. Consultado a 10.07.2020, em <https://www.youtube.com/watch?v=BD7vjm9fd88&t=1580s>.
- Strauss-Kahn, Dominique (2020), “Africa Faces a Coronavirus Catastrophe”, *The Africa Report*. Consultado a 15.07.2020, em <https://www.theafricareport.com/24952/africa-faces-a-coronavirus-catastrophe/>.
- Varela, Odair (2011), “A Estatalidade em África: O Regresso Colonial”, in *Mestiçagem Jurídica? O Estado e a Participação Local na Justiça em Cabo Verde: Uma Análise Pós-Colonial*. Tese de Doutoramento em Pós-Colonialismos e Cidadania Global, 156-164
- WHO (2020), “WHO Director-General's Opening Remarks at the Media Briefing on COVID-19”, *WHO*, de 11 de março 2020. Consultado a 24.07.2020, em shorturl.at/nyW24
- Yabara, Bouakari Amzat (2014), *Africa Unite! Une histoire du panafricanisme*. Paris: La Découverte.
- Yuseef (2020), “O povo da Guiné-Bissau como cobaia de ensaios clínicos da vacina contra o COVID19”, *Página Facebook*, de 20 de junho 2020. Consultado a 24.07.2020, em shorturl.at/uBGSY